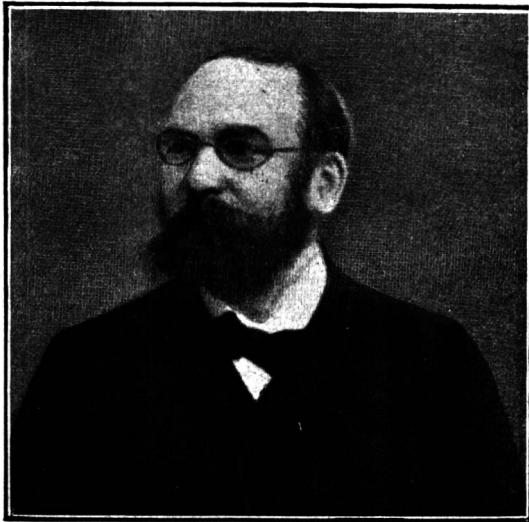


Centenario do nascimento de JAVAL

Durval Prado — S. Paulo.



Louis Emile Javal

O mundo oftalmológico comemorou, aos 5 de maio último, o primeiro centenario do nascimento de Louis Émile Javal, ocorrido em Paris no ano de 1839. Filho de banqueiro de origem judaica, deveu o seu avô afrancesar o nome da familia por ordem do imperador Napoleão. Sua mãe, culta austríaca, influenciada pela leitura de *Émile*, onde Rousseau expandira todas as idéias sobre o ensino e a educação da época, fez, ao batizar seu primogênito, verdadeira obra de predição, pois não só na oftalmologia, como na arte de legislar, como jornalista, educador, higienista e reformador social, sobressaiu-se o Mestre. Javal possuía virtudes que se manifestaram nas diversas modalidades de suas atividades; era inteligente, empreendedor, zeloso, de carater simples e acessível. Após o Liceu, manifestou-se propenso ao estudo médico, do qual tivera de declinar em obediencia à vontade paterna, para estudar engenharia de minas.

Alguns fatos ocorridos entre os seus, deveria a principio fazer Javal interessar-se pelos problemas de fisiologia ocular e, em seguida, abraçar a carreira médica, o que iniciou, em 1865, com a entrada para a Escola de Medicina da Universidade de Paris. O pai de Javal era portador de estrabismo convergente, tornado depois divergente pela operação que lhe

fizera Desmarres; uma irmã herdara a anomalia paterna; o proprio Javal, alem da hetero-cromia, malfadado pressagio do seu futuro mal, era portador de fadiga ocular e astigmatismo que ele proprio conseguira patentear por meio dum vidro de curva cilíndrica. Um verdadeiro poliglota, podendo falar, alem da sua lingua, o inglês, italiano e alemão, lia latim, espanhol e português. Poude, assim, com a colaboração de outros, traduzir para o francês as principais obras oftalmológicas de seu tempo, como as de Donders e de Helmholtz. Quanto a deste, *Optique Physiologique*, disse Parinaud: “Ao lado de suas partes admiraveis e relativamente definitivas, este livro imobilizou a ciencia durante um quarto de século, desviando os espiritos do verdadeiro fim a conseguir, que é a explicação dos fenômenos visuais pelas propriedades de estrutura do aparelho visual”. Mas, para isso, é necessario ter penetrado na anatomia e na fisiologia, que são tão estranhas aos matemáticos quanto estes à anatomia. Javal conhecia bem o esperanto, bem como o seu inventor, Zamenhof, oculista em Varsovia, que por varias vezes aceitara sugestões de Javal, tendentes a simplificar essa lingua. Por ocasião duma visita de von Graefe a Paris, foi este consultado pelo pai de Javal, tendo do mestre berlinense. Uma vez formado em medicina, defendeu tese sobre o estrabismo, laureada pela Escola. Procurou novamente o convívio de von Graefe, em Berlim, até à declaração da guerra franco-prussiana.

Cessada a guerra, Javal foi eleito deputado e, como tal, bateu-se contra a abertura do canal de Panamá, prevendo mesmo como catástrofe; apresentou projeto de lei favorecendo a natalidade em seu país e trabalhou com Camille Flammarion pela difusão do ensino. Com o auxilio de Gavarret, seu professor, conseguiu fundar e dirigir um laboratorio de oftalmologia na Sorbonne. Aí fundou uma grande biblioteca e teve colaboradores como Schioetz e Tscherning. Com o primeiro, descobriu e aprimorou o oftalmômetro, aparelho que, em todos recantos do mundo onde se ensina ou se pratica a oftalmologia, immortaliza o grande sabio. Pelo seu laboratorio passaram os grandes vultos da oftalmologia de seu tempo.

Gozando de independencia financeira, nunca Javal se interessou por grande clinica, preocupando-se quasi só com a refração e estrabismo. Quando um cliente lhe era interessante, atraía-o até para refeições em comum; a parte de cirurgia encaminhava para seus colegas. Tinha por hábito percorrer a zona pobre de seu bairro, com o fim de socorrer aqueles que necessitavam dos seus serviços.

Foi Javal o primeiro a enunciar a teoria da fusão das imagens no problema da etiologia do estrabismo; empregou a leitura por meio de estereoscopia com dispositivos proprios; preconizou a atropinização do melhor olho com o fim de eliminar a ambliopia do olho estrábico e deu inicio aos exercicios ortópticos como reeducação da fusão. Uma irmã mais moça de Javal, que ainda reside em Paris, goza da singular virtude de ser a primeira pessoa no mundo que recebeu treino ortóptico. Sujeita, inicialmente, à oclusão alternada dos olhos, por Sichel, recebeu posteriormente

prismas de Giraud-Teulon e, finalmente, tenotomia de von Graefe, persistindo até hoje o resultado desejado. Javal, revivendo as idéias de Buffon, que considerava o estrabismo como anomalia da visão binocular, refutou com tanta convicção a idéia corrente que o considerava como defeito muscular primitivo, que fez de Wecker operar um seu sobrinho com 16 meses de idade, sujeitando-o posteriormente a exercícios até aos 9 anos, quando foi considerada restabelecida a visão binocular estereoscópica.

Aos 45 anos de idade, Javal foi eleito membro da Academia de Medicina, o que constituiu elevada honra para a oftalmologia de então. Reconhecida já sua competência, tanto em seu país como no estrangeiro, foi ele designado para dar um parecer de ordem científica sobre uma classe de lentes fabricadas com barita e para as quais os fabricantes reclamavam até virtudes curativas. Após detido exame, Javal cientificou a Academia de que “a diferença entre vidro de barita e a lente comum era insignificante”. A firma produtora das mesmas moveu ação judicial contra o Mestre, a qual foi decidida pela Corte de Justiça nos seguintes termos: “Um homem de ciência tem a liberdade de criticar qualquer artigo manufaturado, ao qual se atribuem vantagens especiais, e suas decisões devem ser publicadas em benefício do povo”.

Ao lado dos estudos sobre optometria, para o que construiu um aparelho proprio, e dos estudos sobre o tratamento do estrabismo encontrados em seu *Manual do estrabismo*, Javal estudou profundamente o que se poderia chamar fisiologia da leitura, em duplo aspecto, higiênico e educacional, tendo em seguida lançado seu método da leitura ensinada pela escrita. Encarou a questão dos caracteres de imprensa quanto à sua maior legibilidade, a questão da iluminação nas salas de leitura e a escrita vertical. Por sugestão sua e ainda hoje em voga, as lentes negativas das caixas de provas trazem aros dourados, enquanto as positivas trazem-no prateados, lembrando assim os cabelos brancos dos presbitas. Javal adotara desde o início a marcação em dioptrias que acabava de instituir Monoyer, assim como unificou em seus trabalhos a marcação do eixo do cilíndrico da esquerda para a direita.

Ainda no auge da sua brilhante carreira, apenas havia entrado na Academia de Medicina, sentiu o Mestre o primeiro sintoma da sua já instalada afecção ocular, primeiramente em O. D., que foi muito agravada dois anos depois, em 1885. Alguns meses depois, o olho esquerdo era acometido do mesmo terrível mal, que se esboçava pelo aparecimento de halos luminosos, o que exigiu, nos 15 anos seguintes, o uso constante de pilocarpina. O oftalmologista Noyes, que casualmente examinara Javal em 1885 notara uma profunda excavação glaucomatosa em O. D., tendo então aconselhado operação. Uma esclerectomia sem efeito sobre a pressão foi seguida duma iridectomia que, desastrosamente, fulminara a visão desse olho. Em 1890, assistiu Javal ao Congresso internacional de oftal-

mologia, em Berlim, ao qual comparecera J. Hutchinson, que lhe fizera companhia no banquete. Nessa ocasião, foi o Mestre saudado por Hirschberg, e, ao responder-lhe foi tal a emoção que o seu futuro biógrafo notara em seu semblante algo de anormal. Um exame do olho esquerdo foi, então, praticado, tendo Hirschberg notado excavação da papila e pulso arterial espontâneo. Javal, no ano seguinte, conseguira publicar suas *Memorias de oftalmometria*, que coroava, com o *Manual do estrabismo*, em 1896, seu 33.º ano de experiência e observação, como vidente. Em 1897, novo ataque no único olho com visão trouxe-lhe amaurose completa por algumas horas. Tudo, então, foi providenciado para os dias próximos dum infortunio certo; o senso luminoso diminuía-lhe rapidamente, de modo a não mais distinguir o vermelho do preto. Em fevereiro de 1900, dirigiu-se para Birmingham, onde Priestley Smith praticou-lhe uma iridectomia, sem resultado. Ainda uma intervenção foi tentada, visando o simpático cervical; tudo sem resultado. No mesmo ano, Javal estava completamente cego.

Iniciam-se, então, as diversas modificações nas coisas que de mais perto lhe diziam respeito. O seu laboratório na Sorbonne passou a ser dirigido por Tscherning, tendo continuado Javal no posto de honorário.

Dotado de espírito superior, não se curvou Javal ao lamento da sua triste situação; assim como Milton, que depois de cego ditara à sua filha as mais lindas páginas de seu *Paraíso perdido*, e ainda Euler, Huber e Fawcett, que se viram privados da luz sem terminar a jornada da vida, Javal continuou trabalhando no que obtinha duplo benefício, suavizar sua vida já anciã e educar com a sua experiência outros que venham a encontrar-se na mesma situação sua. Inventou um dispositivo simples para facilmente redigir em manuscrito, tendo iniciado pela auto-observação do glaucoma. Em 1903, publicou *Entre cegos*, que logrou tradução para o alemão, esperanto e inglês. Ao lado de conselhos uteis que traz o livro, Javal faz notar a deficiência de meios aproveitáveis por pessoa de sua idade e situação que se torne cega. Acredita ele que o maior horror da cegueira é a dependencia a que se obriga o seu portador para continuar em convivio; afirmava ser preferível pagar do que esperar a atenção a que tinha direito. Fez construir um triciclo para dois individuos, o que constituia o seu esporte favorito. Em 1905, publicou *Fisiologia da leitura e da escrita*, que se esgotou em 3 meses. Sua saúde já precária não lhe permitia a segunda edição. Um cancer gástrico, que muito o torturava, pôs fim aos seus dias, aos 20 de janeiro de 1907. Conforme promessa feita a Priestley Smith, o olho por este operado não seria de todo perdido e, assim, foi o mesmo enucleado *post-mortem* e enviado àquele por Tscherning, seu amigo e colaborador. A seu pedido foi seu corpo cremado. Javal deixou dois filhos e 3 filhas. O Dr. Adolphe Javal e Mlle. Mathilde ainda vivem em Paris, e Jean, que substituiu o pai na Assembléa Nacional, perdeu a vida na Grande Guerra.